O nível sintático II

Como você já deve saber, estudante, na Libras as expressões faciais, ou mais genericamente, as marcações não manuais, são empregadas linguisticamente. Isso significa que elas apresentam funções linguísticas próprias, identificando determinadas estruturas, como sentenças negativas, interrogativas, condicionais, com tópico etc. Reconhecer os empregos sintáticos das marcações não manuais e saber diferenciá-las no uso é uma etapa fundamental no processo de aquisição de fluência nessa língua. Por essa razão, a proposta desta aula é apresentar algumas das estruturas sintáticas mais usuais com marcações não manuais, de forma que você possa, por meio da exposição, adquirir os fundamentos necessários para que as construções com marcas não manuais não representem um obstáculo ao seu processo de desenvolvimento, seja no tocante ao uso da língua, seja quanto ao conhecimento sobre a estrutura da mesma.

Estruturas com foco e estruturas com tópico

A distinção entre as noções de tópico e foco pode ser feita, conforme Pizzio, Rezende e Quadros (2009, p. 8), de acordo com o *status* da informação inserida no discurso. Assim, as estruturas com foco "introduzem no discurso uma informação nova que pode estabelecer contraste, informar algo adicional ou enfatizar alguma coisa". Já o tópico cumpre o papel de retomar o assunto sobre o qual se falará, "é uma forma diferente de organizar o discurso" (PIZZIO; REZENDE; QUADROS, 2009, p. 8). A seguir, expõe-se como essas estruturas são construídas na Libras.

Com base em Quadros e Karnopp (2004), pode-se afirmar que na Libras as construções com foco envolvem diferentes propriedades:

- construções duplas em que o elemento duplicado ocupa a posição final;
- o elemento em foco é sempre um núcleo;
- a presença de foco possibilita o apagamento do primeiro elemento da construção dupla;

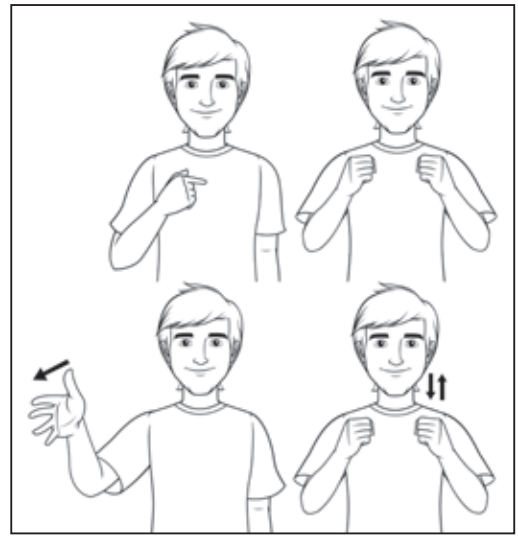
Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

- marcas não manuais acompanham o elemento focalizado.

Nesse sentido, as autoras afirmam que a Libras apresenta construções duplas, sendo que os seguintes elementos linguísticos costumam ser duplicados na posição de foco:

a) Verbos modais

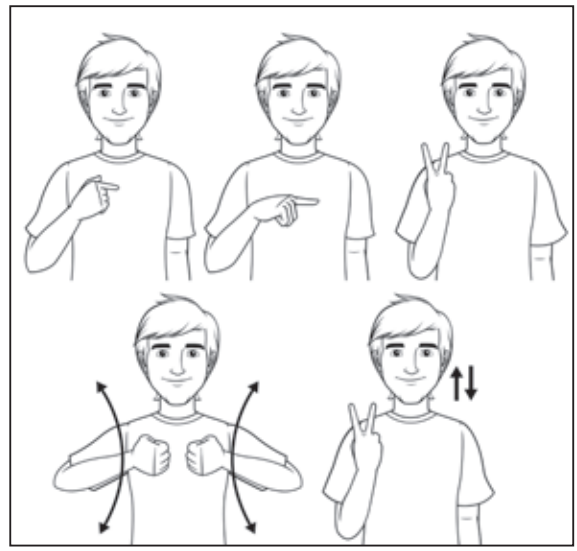
EU PODER IR <PODER>mc



IESDE Brasil S.A.

b) Quantificadores

EU TER DOIS CARROS <DOIS>mc

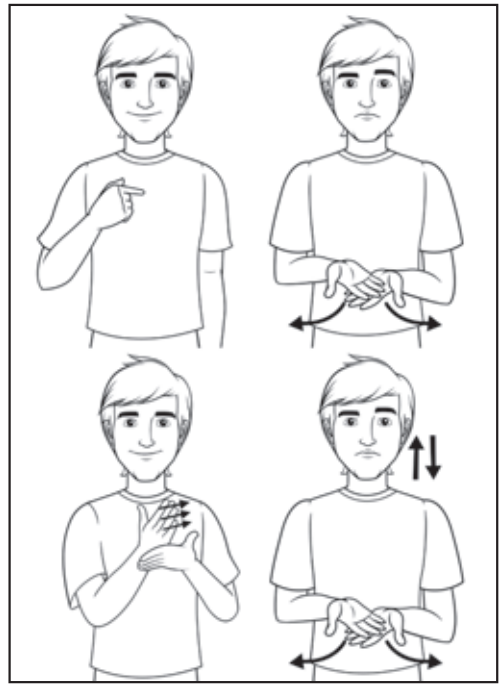


IESDE Brasil S.A.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

c) Verbos

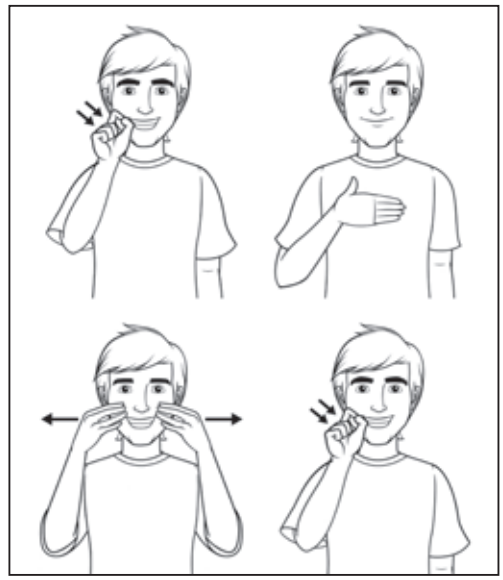
EU PERDER LIVRO <PERDER>mc



IESDE Brasil S.A.

d) Pronomes interrogativos

<QUEM GOSTAR GATO>qu <QUEM>

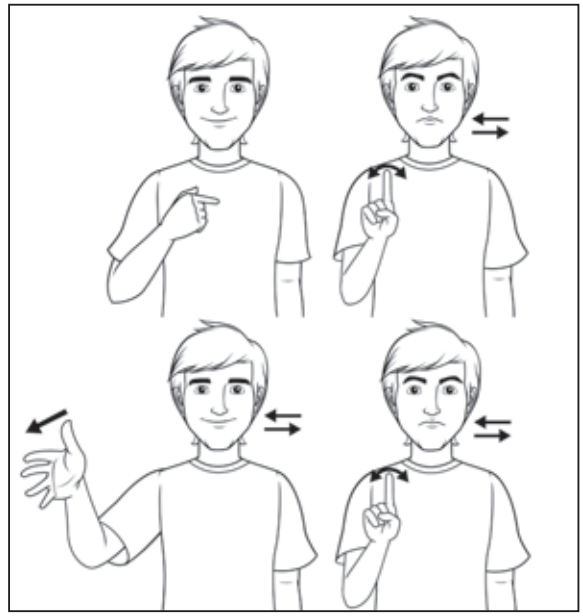


IESDE Brasil S.A.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

e) Negação

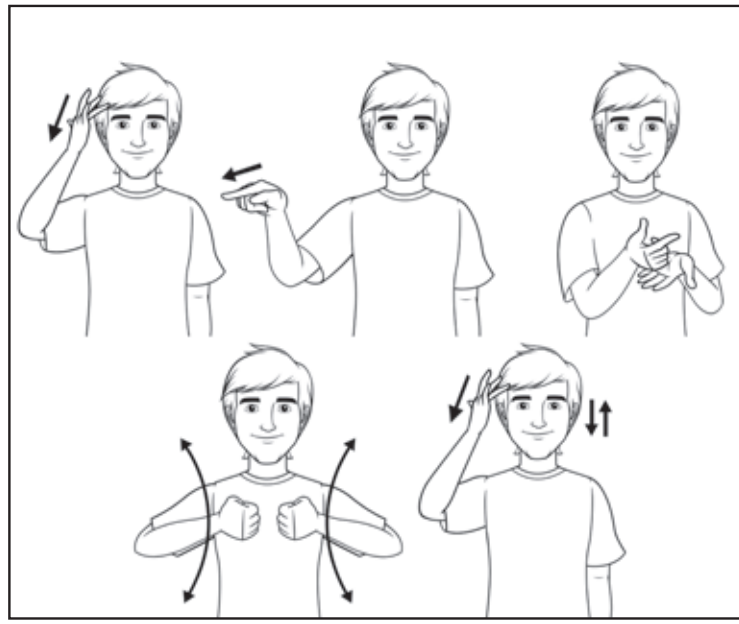
EU <NÃO IR>n <NÃO>n



IESDE Brasil S.A.

f) Advérbios

AMANHÃ ELE COMPRAR CARRO <AMANHÃ>mc

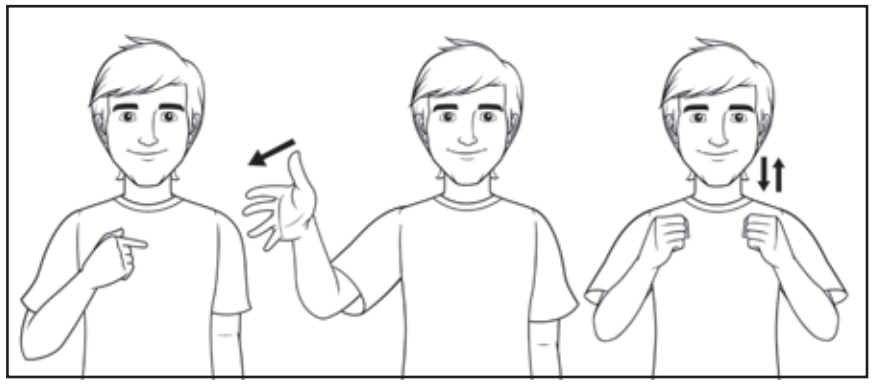


IESDE Brasil S.A.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

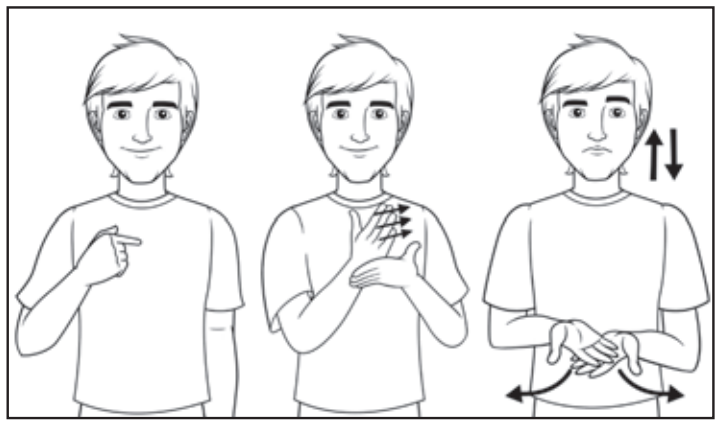
Observe que o elemento focado é duplicado no fim da sentença[1], além disso, ele é acompanhado, excetuando-se a negação e o pronome interrogativo – que apresentam marcação não manual específica – pela elevação da sobrancelha. É preciso considerar que nas construções com foco é possível apagar o primeiro elemento da construção dupla, conforme exemplificam as ilustrações com as respectivas glosas abaixo:

g) EU ~~PODER~~ IR <PODER>mc



IESDE Brasil S.A.

h) EU ~~PERDER~~ LIVRO <PERDER>mc



IESDE Brasil S.A.

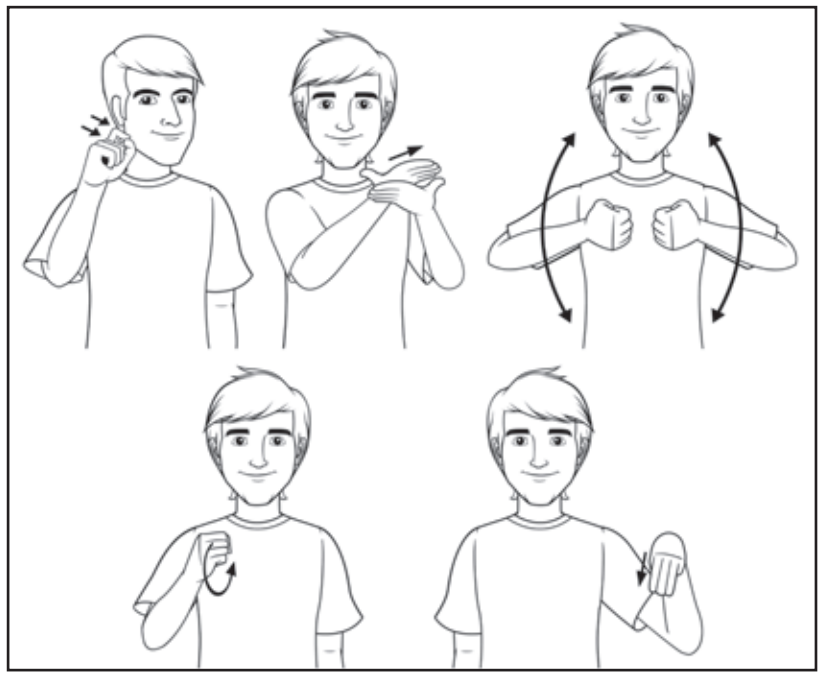
Além disso, nas construções com foco, este recai sobre o núcleo do sintagma. Assim, em G, o foco tomou o núcleo do sintagma verbal. O sintagma verbal é "poder ir", e o seu núcleo é "poder". Resumindo, então, o foco envolve elementos linguísticos que são núcleos de sintagmas. Eles podem aparecer duplicados ou não e são acompanhados por marcação não manual.

[1] Em Pizzio, Rezende e Quadros (2009) há a menção de que esse tipo de construção se chama de foco de ênfase, podendo ser construído também com o apagamento do primeiro elemento duplicado, o que é tratado logo em seguida, no mesmo parágrafo.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

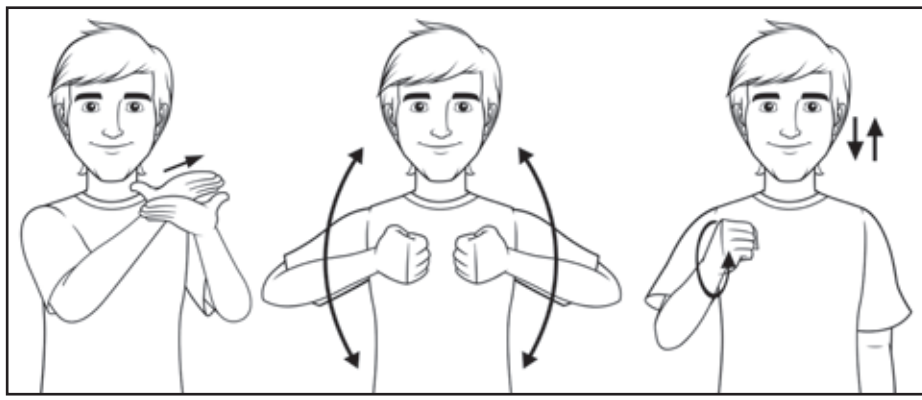
Vale a pena citar também, com base em Pizzio, Rezende e Quadros (2009), os casos de foco contrastivo, em que duas informações, dadas como novas e desconhecidas, são colocadas em contraste:

<QUEM COMPRAR CARRO JOÃO OU MARIA>qu



IESDE Brasil S.A.

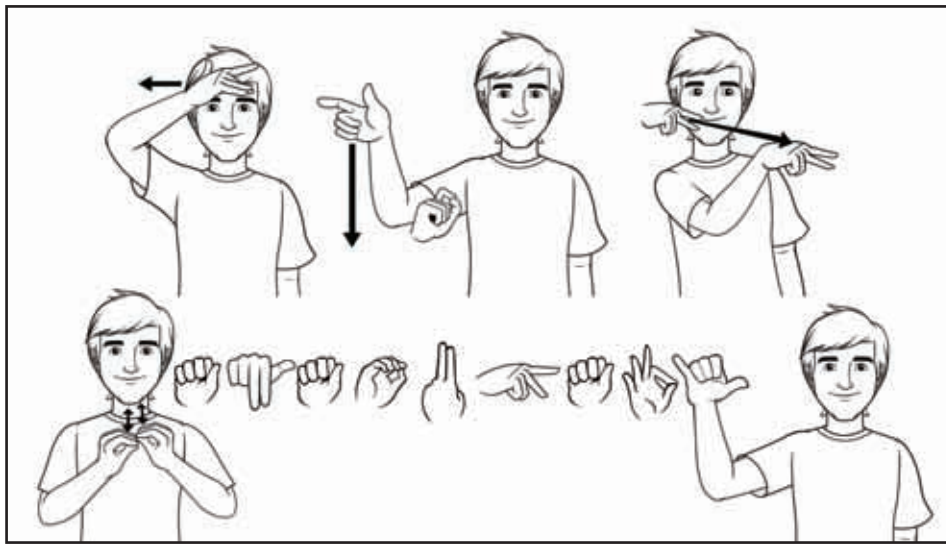
COMPRAR CARRO <JOÃO>afirm



IESDE Brasil S.A.

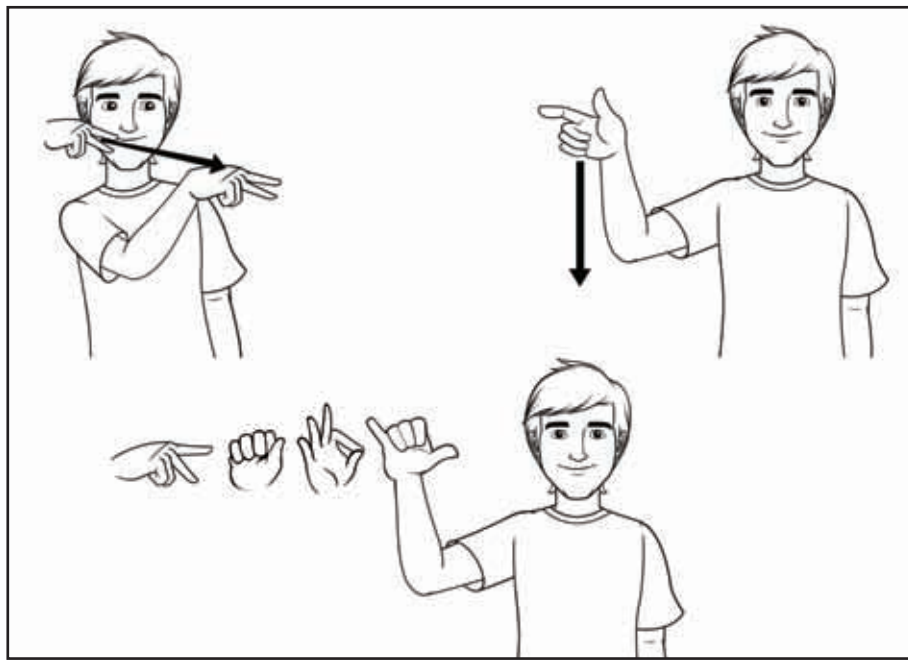
Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

<QUEM ASSISTIR NOVELA ANA OU PATY>qu



IESDE Brasil S.A.

ASSISTIR NOVELA <PATY>afirm

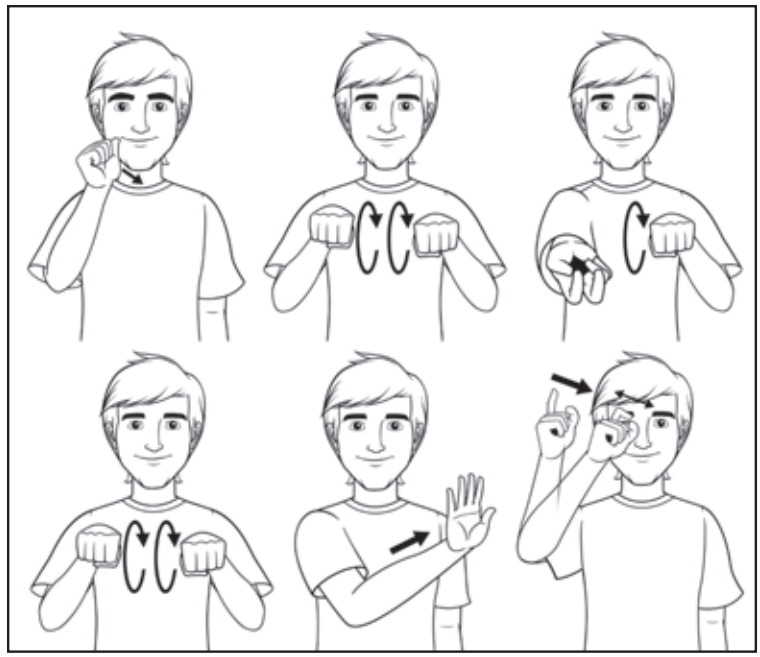


IESDE Brasil S.A.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Nesse caso, o foco se trata do elemento considerado correto dentro do contraste estabelecido. Para encerrar as estruturas com foco, resta observar que apenas em casos específicos, que apresentam restrições, o elemento focado não aparece no final da sentença. Tais casos específicos têm a ver, segundo Ross (1967[2], *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004), com as "restrições de ilha". Essas restrições dão conta de que um elemento não pode ser extraído de uma certa estrutura sintática, a que apresenta estatuto de "ilha", e deslocado na sentença. Isso se deve ao fato de que estruturas que funcionam como ilha, isto é, se encontram isoladas dentro de uma estrutura maior, não permitem que seus constituintes sejam movidos justamente pelo seu estatuto de isolamento. Esse é o caso quando o foco recai sobre uma sentença relativa. De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 183), por ser considerada uma ilha, a oração relativa só pode ter o foco associado a ela dentro da sua própria estrutura. Observe:

MULHER <BICICLETA CAIR BICICLETA>r ESTAR HOSPITAL



IESDE Brasil S.A.

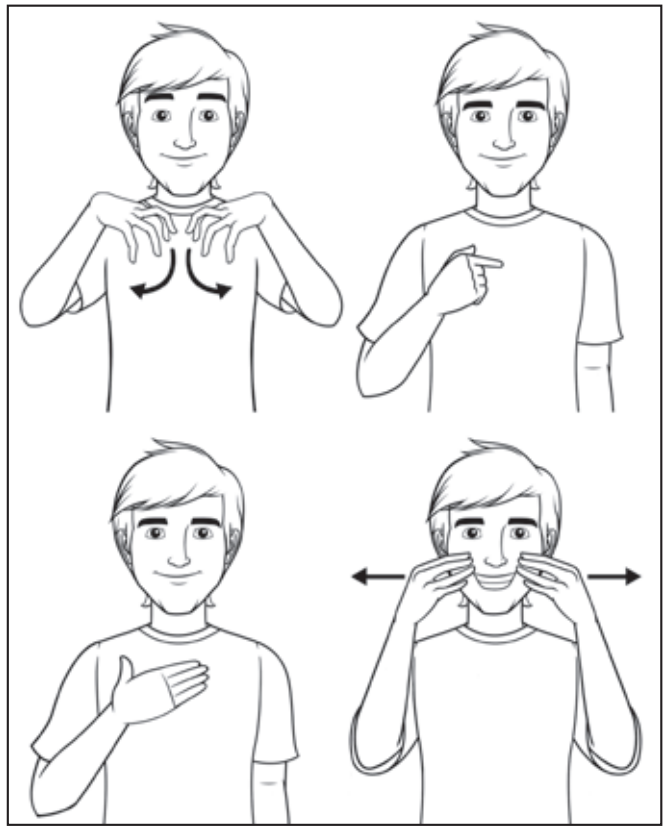
[2] ROSS, J. R. **Constrains on Variables in Syntax**. Cambridge. Massachusetts. MIT, Doctoral Dissertation, 1967.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

No enunciado anterior a oração relativa é BICICLETA CAIR, e a repetição de BICICLETA, dentro da estrutura da relativa, marca o foco. A intenção é dizer que a mulher caiu de bicicleta e não de qualquer outra forma, mas, devido à restrição da ilha, o elemento BICICLETA não pode ser duplicado no final da sentença, apenas no final da "estrutura-ilha".

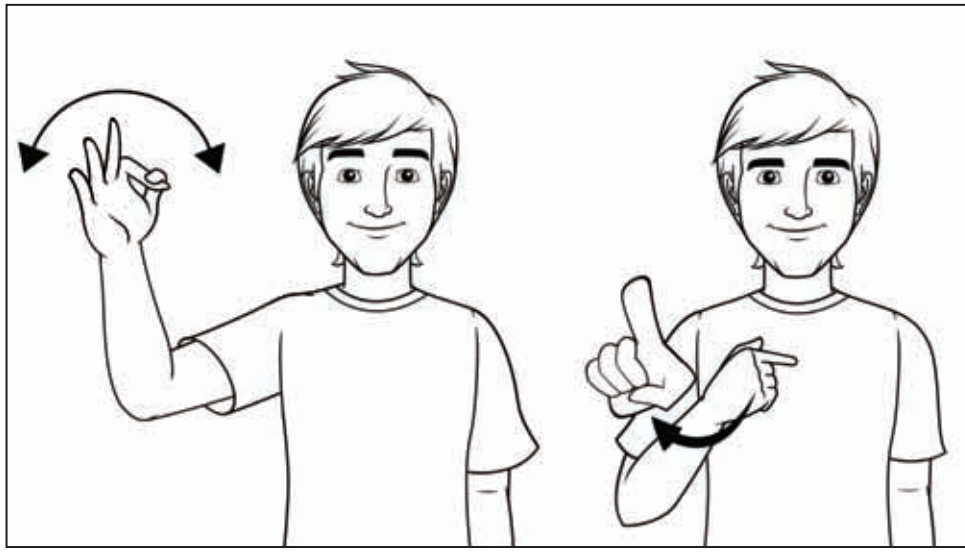
Diferentemente do foco, o tópico não introduz uma informação nova, antes organiza o assunto sobre o qual o discurso versará, o que se pode verificar nos exemplos abaixo, retirados de Pizzio, Rezende e Quadros (2009, p. 12):

<ANIMAIS>t EU GOSTO GATO



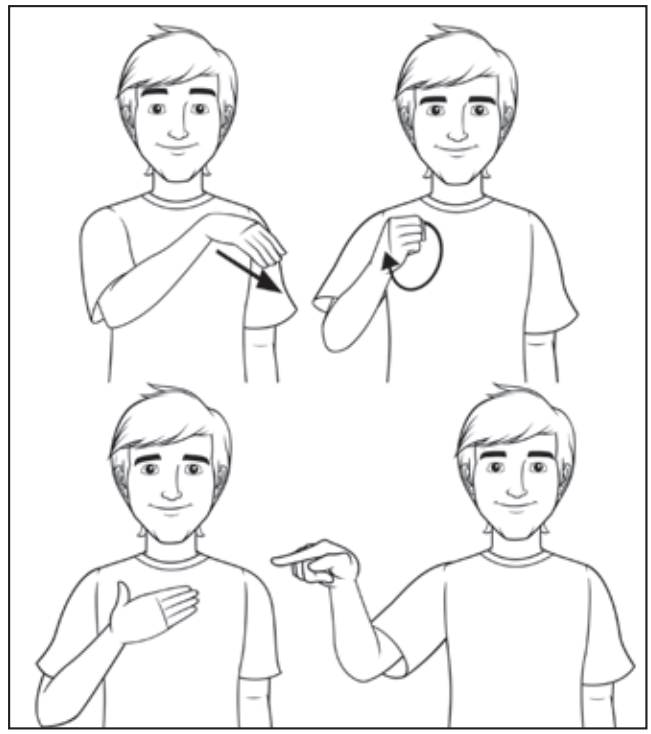
IESDE Brasil S.A.

<FRANÇA>t EU VOU



IESDE Brasil S.A.

<MARIA>t JOÃO GOSTA ELA



IESDE Brasil S.A.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Repare que, além de o elemento topicalizado estar no início da sentença, ele é acompanhado pela elevação da sobrancelha. Nas seções a seguir, você encontrará mais informações sobre estruturas que apenas foram mencionadas nesta etapa. Portanto se referências a estruturas relativas, por exemplo, foram um problema para você, na última seção há uma explicação pormenorizada à qual você pode recorrer. A seguir, o objeto de discussão são sentenças negativas.

Estruturas negativas

A negação em Libras, de acordo com Pizzio, Rezende e Quadros (2009), pode ser realizada por elementos manuais, NÃO, NADA, NUNCA. A negação pode, ainda, estar incorporada aos sinais (NÃO-TER, NÃO-GOSTAR) ou ser expressa apenas por meio da marcação não manual. Esta última, alvo de interesse nesta seção.

Segundo Arrotéia (2005[3], *apud* PIZZIO; REZENDE; QUADROS, 2009), a marcação não manual da negação pode ser feita por meio de dois expedientes. O primeiro recurso consiste em realizar o movimento com a cabeça de um lado para o outro, indicando a negação. Porém esse movimento é facultativo na língua de sinais e sua presença é motivada por fatores discursivos. A segunda forma para marcar a negação, diferentemente da primeira, é obrigatória, uma vez que motivada por questões sintáticas, e consiste na utilização "de expressões faciais de negação em que há modificação no contorno da boca (abaixamento dos cantos da boca ou arredondamento dos lábios), sempre associada ao abaixamento das sobrancelhas e ao leve abaixamento da cabeça" (PIZZIO; REZENDE; QUADROS, 2009, p. 9).

Arrotéia (2005, *apud* PIZZIO; REZENDE; QUADROS, 2009) observa que, no interior da sentença, a distribuição da marca de negação com a cabeça é mais ampla do que as expressões faciais, já que o movimento com a cabeça pode ser realizado apenas ao lado do "não", ou acompanhando o sintagma verbal, ou junto com a sentença toda ou, ainda, pode ultrapassar o limite do último sinal empregado:

a) Movimento com a cabeça se restinge ao sinal NÃO:

IX<1> NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>a$_{ef}$

mc

b) Acompanha o sintagma verbal:

IX<1> NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>a$_{ef}$

mc

[3] ARROTÉIA, J. **O Papel da Marcação Não Manual nas Sentenças Negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Campinas, 2005.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

c) Se estende por toda a sentença:

IX<1> NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>a$_{ef}$
$\overline{\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad}_{mc}$

d) Ultrapassa o limite do último sinal realizado na sentença:

$\overline{\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad\qquad}_{mc}$
IX<1> NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>a$_{ef}$

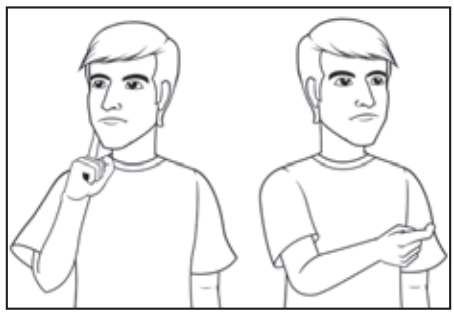
Uma vez que a autora lida com dois tipos de marcação não manual de negação, para organizar a análise das sentenças, a mesma optou por representar a abrangência das marcas não manuais com linhas horizontais, acima e abaixo da sentença, sendo que a sigla "mc" indica movimento de cabeça e a sigla "ef" indica expressão facial. De posse dessa informação, você pode comparar os exemplos fornecidos acima, extraídos de Pizzio, Rezende e Quadros (2009, p. 9), com os exemplos abaixo, que evidenciam que a distribuição da marca de negação por expressões faciais apresenta uma distribuição mais restrita, já que "elas necessariamente devem coocorrer junto a todo o sintagma verbal" (PIZZIO; REZENDE; QUADROS, 2009, p. 10):

e) IX<1> NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>aef

f) *IX<1> NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>aef

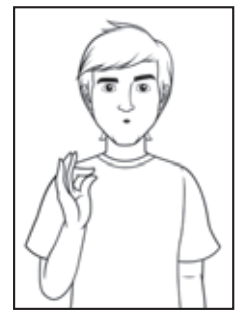
g) *IX<1> NÃOef 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>a

Os asteriscos utilizados pelas autoras em F e G servem para indicar que essas sentenças são agramaticais na Libras, dado que as expressões faciais indicativas de negação não podem se distribuir por toda a sentença ou apenas junto à negação, mas apenas acompanhar o sintagma verbal. Por fim, as autoras afirmam que tais marcações não manuais – as expressões faciais – acompanham os sinais manuais para:



(A) NINGUÉM

(B) NADA



NENHUM

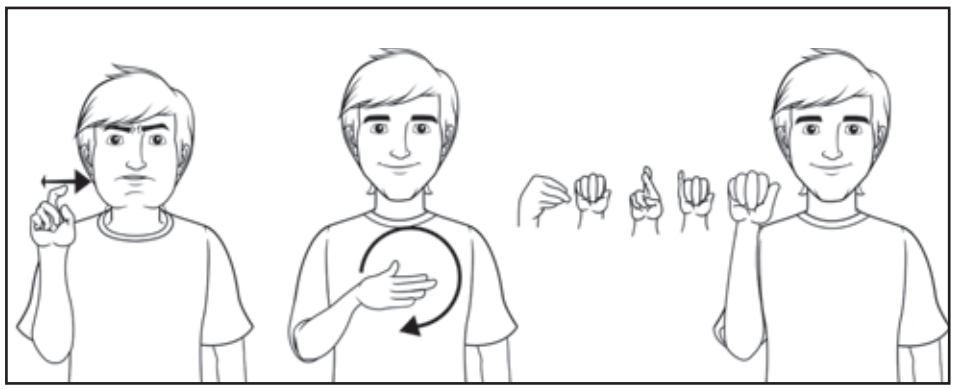
IESDE Brasil S.A.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Estruturas interrogativas

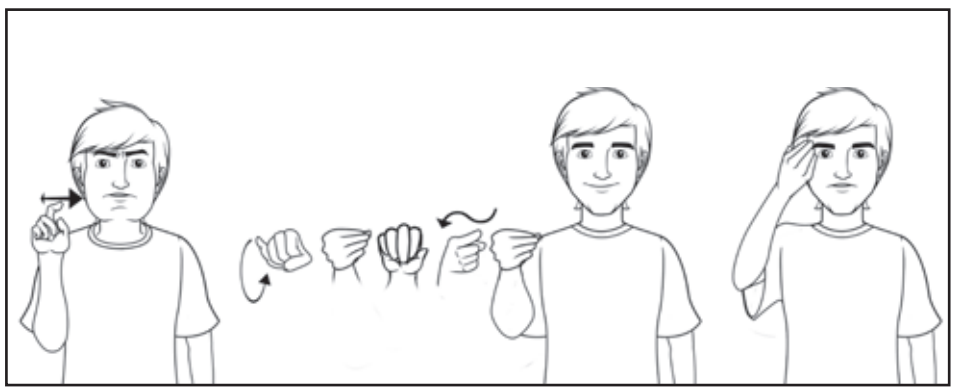
A Libras compreende três formas distintas de formular perguntas, havendo, portanto, uma marcação não manual diferente para cada tipo de pergunta. A seguir, você pode acompanhar, com fundamentação na exposição de Pizzio, Rezende e Quadros (2009), cada tipo de estrutura interrogativa e suas respectivas marcações não manuais:

a) **Interrogativa QU (qu)**: são perguntas formuladas com pronomes interrogativos como qual, que, o que, quando, quem etc., os quais são acompanhados por uma pequena elevação da cabeça, acompanhada do franzir da testa:



IESDE Brasil S.A.

<QUEM GOSTAR MARIA >qu.

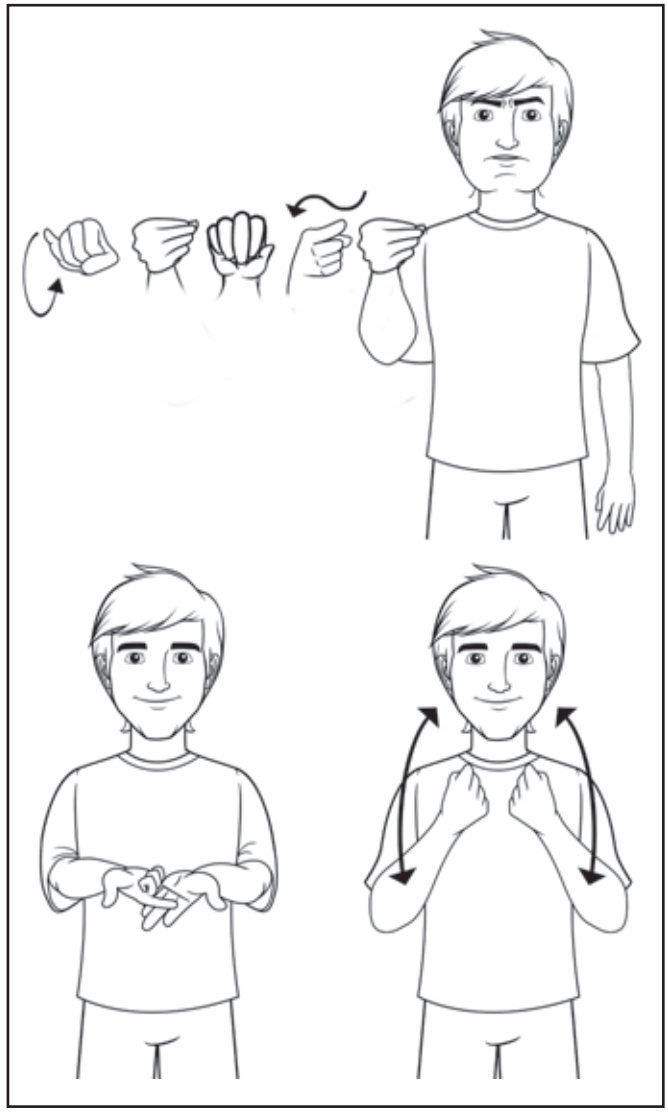


IESDE Brasil S.A.

<O QUE JOÃO SABER>qu.

b) **Interrogativa S/N (sn)**: são perguntas que levam o interlocutor a responder apenas sim ou não, são identificadas por um leve abaixamento da cabeça, acompanhado de elevação das sobrancelhas:

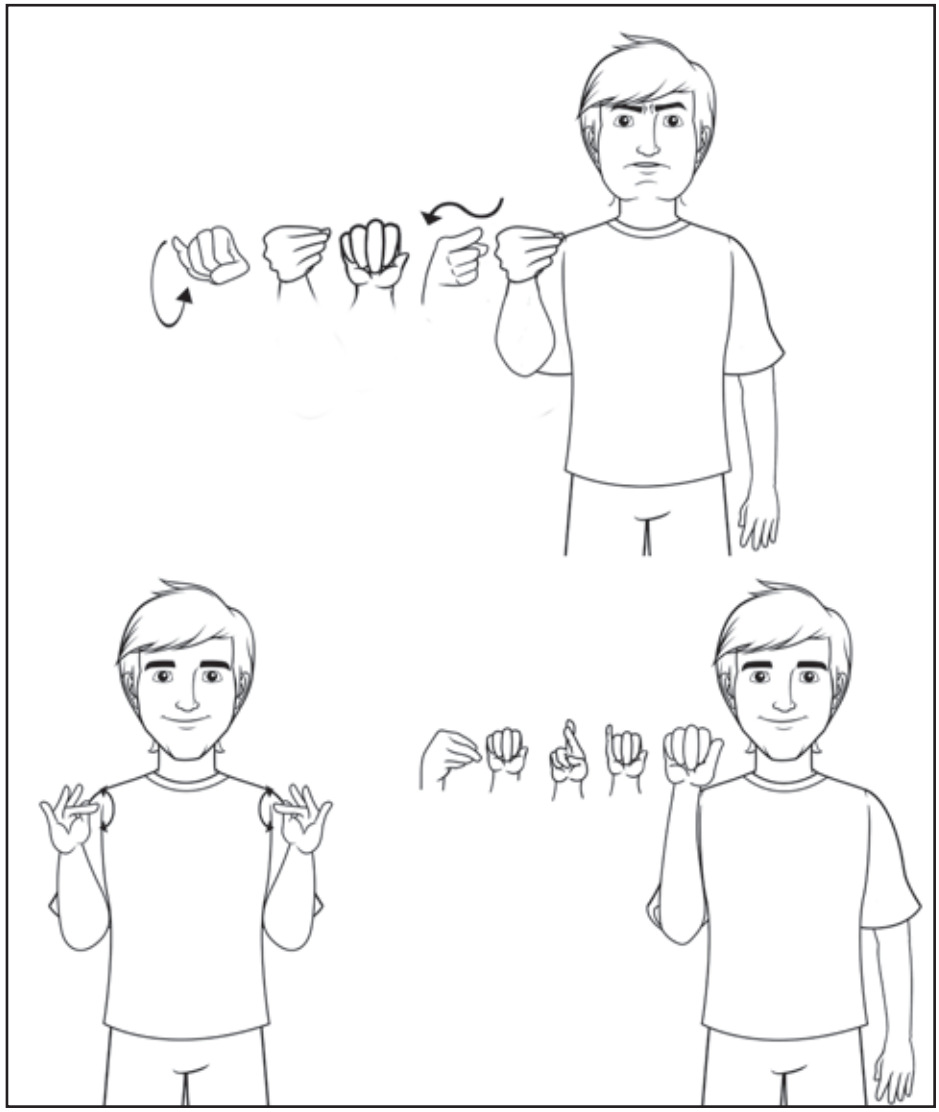
Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br



IESDE Brasil S.A.

<JOÃO COMPRAR CARRO>sn.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

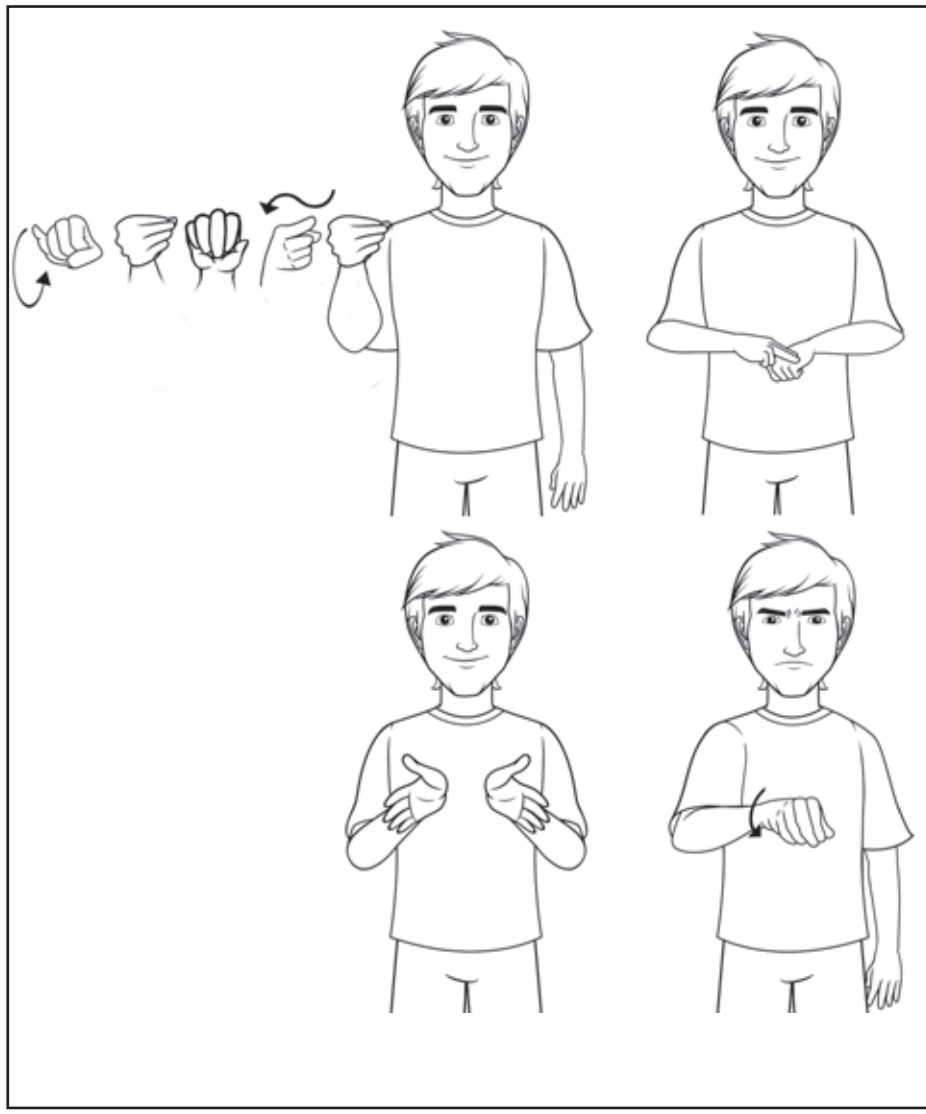


IESDE Brasil S.A.

<JOÃO NAMORAR MARIA>sn.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

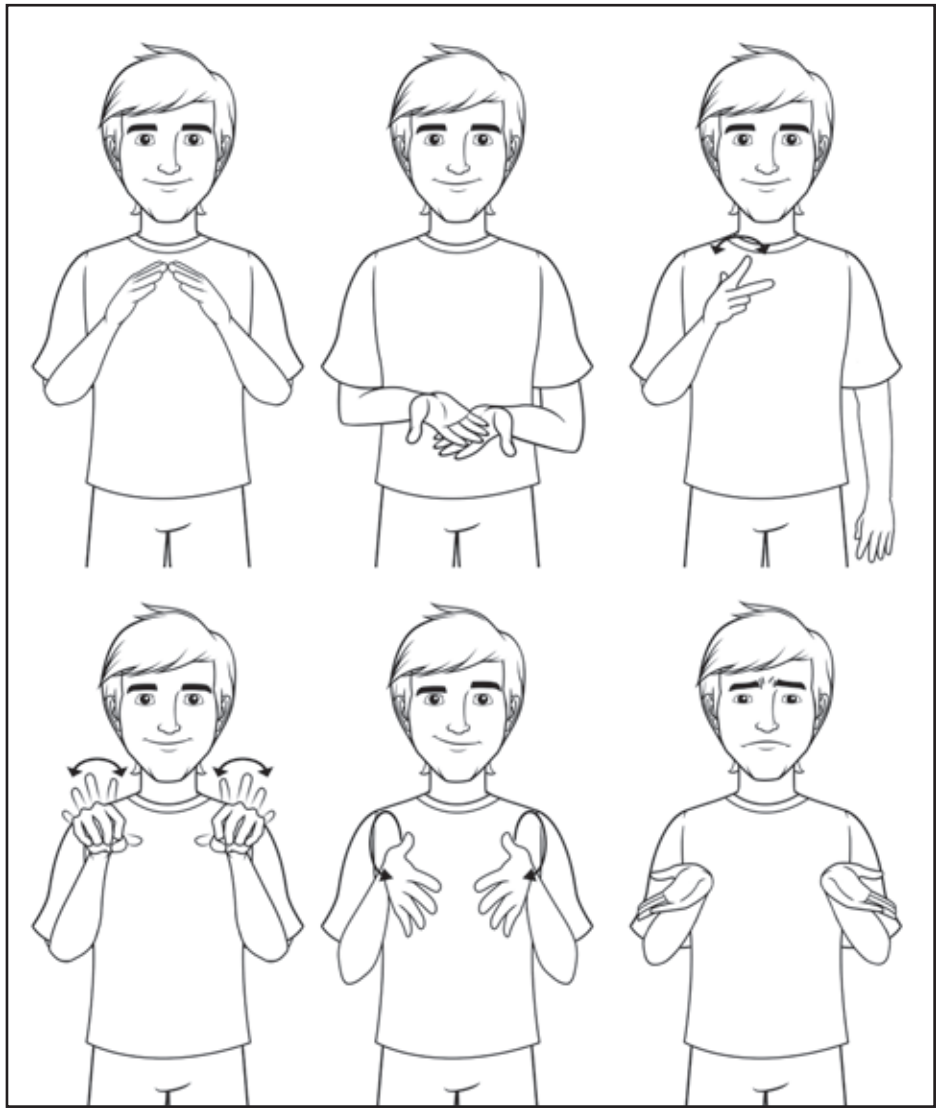
c) **Interrogativa de dúvida**: como o próprio nome indica são aquelas que expressam dúvida e desconfiança, procurando confirmar com o interlocutor a veracidade ou precisão da informação. Na sua sinalização, uma ou as duas mãos podem ser empregadas, sendo reconhecidas pelas seguintes marcações não manuais: lábios comprimidos ou em protrusão, olhos mais fechados e testa franzida, leve inclinação dos ombros para um lado ou para trás.



IESDE Brasil S.A.

<JOÃO BANHEIRO TRANCADO Q-e>dúvida.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br



IESDE Brasil S.A.

<ESCOLA PROFESSOR ENSINAR LÍNGUA DE SINAIS Q-e>dúvida.

Como você já deve ter percebido, algumas estruturas são marcadas por elementos manuais e não manuais – o caso das perguntas Qu – ou apenas pelas marcas não manuais – as interrogativas S/N e de dúvida. Na próxima seção, há a discussão sobre um outro tipo de sentença, as condicionais, cuja formulação se estabelece pela união de marcações manuais e não manuais.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Estruturas condicionais

A partir desta seção, para que você possa acompanhar a exposição sobre estruturas condicionais e relativas na Libras, é necessário que os conceitos de oração principal e oração subordinada sejam compreendidos, posto que por seu intermédio é que se obtêm as estruturas citadas. Para facilitar a discussão de tais conceitos, a explanação toma como base, primeiramente, a língua portuguesa e, a seguir, a Libras.

Para poder diferenciar uma oração principal de uma subordinada, antes de mais nada, você deve saber reconhecer orações. Portanto, observe o exemplo abaixo:

a) Eu sei que Maria não disse a verdade.

Se perguntassem a você quantas orações possui o enunciado acima, a resposta a ser dada seria: duas orações. Mas como é possível saber que se trata realmente de duas orações? Essa constatação tem relação com a quantidade de verbos (conjugados ou no infinitivo, mas que apresentam argumentos) presente no enunciado. Nesse sentido, A contém dois verbos conjugados (sei, disse). Já em "Saber matemática pode ser fundamental mesmo para pesquisas em Ciências Humanas", embora três vocábulos sejam verbos (saber, pode e ser), apenas dois determinam a existência de duas orações no enunciado: *saber*, no infinitivo, que apresenta o argumento *matemática,* e *pode,* chamado pela Gramática Tradicional de verbo auxiliar, já que entra na composição da locução verbal *pode ser*. Cumpre observar que para a Gramática Tradicional o verbo *ser*, dentro da locução, é considerado o verbo principal. No entanto, para facilitar a identificação das orações, recomenda-se aqui que você tome em consideração, na ocorrência de locuções verbais, o verbo chamado auxiliar por conta de o mesmo apresentar conjugação.

Sendo capaz de reconhecer diferentes orações dentro de um mesmo enunciado, você está apto a compreender a diferença entre orações principais e subordinadas. Oração subordinada é a nomenclatura reservada às orações que desempenham funções sintáticas de nível menor que o de uma oração. Por exemplo, a função sintática de sujeito é, normalmente, desempenhada por substantivos e pronomes pessoais, como nos enunciados a seguir:

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

b) A matemática pode ser fundamental mesmo para pesquisas em Ciências Humanas.

c) Ela pode ser fundamental mesmo para pesquisas em Ciências Humanas.

Mas no enunciado "Saber matemática pode ser fundamental mesmo para pesquisas em Ciências Humanas", a função de sujeito foi preenchida por uma oração, no caso "Saber matemática", elemento linguístico de nível maior que os que comumente ocupam essa função. Fenômeno similar é visto em A, onde a oração "que Maria não disse a verdade" cumpre o papel de objeto de *sei,* o que pode ser evidenciado pela substituição da oração, de nível maior, pelo pronome *isso,* elemento de nível menor que o da oração. Nessa perspectiva, a oração principal é aquela que apresenta uma de suas funções sintáticas preenchida pela oração subordinada. Nesse caso, é por meio da análise da oração principal que se pode designar qual função a oração subordinada está desempenhando.

Toda essa digressão foi feita com o intuito de que se compreenda adequadamente o que são estruturas condicionais, pois elas são construídas por meio do recurso de subordinação. Considere:

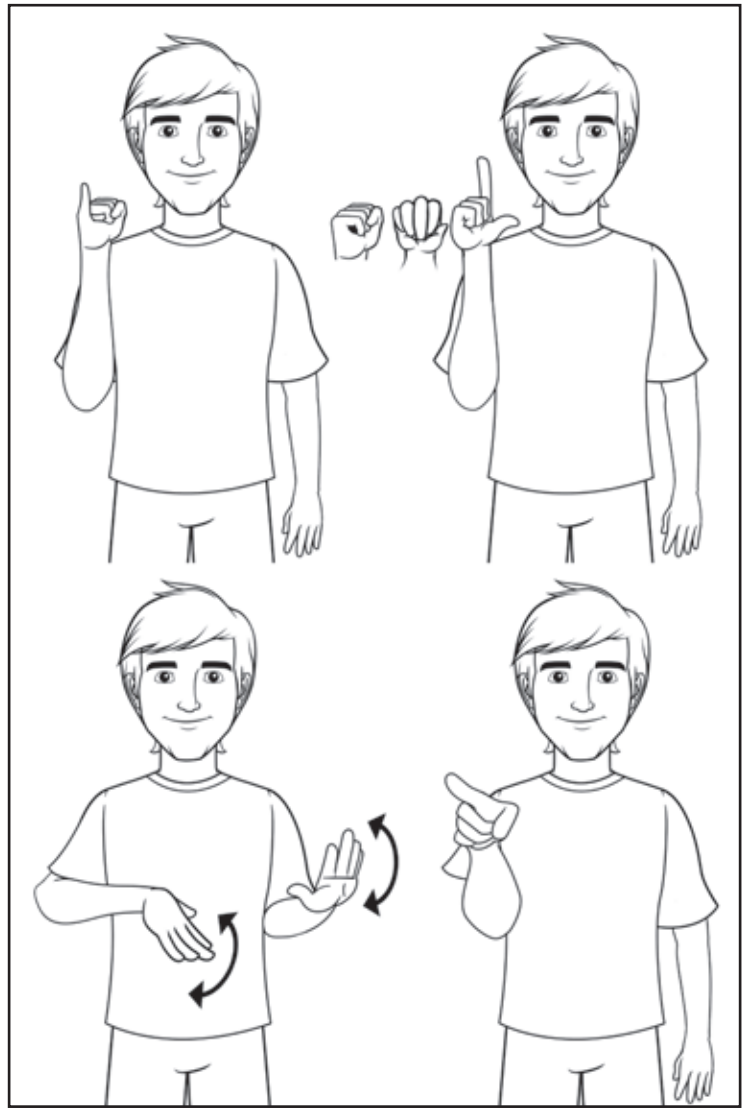
d) Se fizer sol, vamos à praia.

O exemplo acima apresenta duas orações (fizer, vamos), sendo que a primeira delas, "se fizer sol", exprime a condição mediante a qual "vamos à praia". Trata-se de oração subordinada dita condicional porque exprime uma condição, a qual poderia ser substituída por "com sol"[4]. Assim, a língua portuguesa apresenta elementos e estruturas sintáticas que marcam a presença da oração condicional, a saber: o pronome "se" e a forma do subjuntivo "fizer". Ora, a Libras também possui seus recursos para marcar estruturas condicionais. No caso de se traduzir o enunciado D para a Libras, o pronome condicional "se" tem um sinal equivalente na Libras e a oração condicional também recebe marcas não manuais que a identificam como tal. Observe a sinalização a seguir:

---

[4] Caro estudante, este é um subterfúgio para ilustrar que a oração "se fizer sol" pode ser substituída por um constituinte menor que uma oração "com sol". Contudo, há que se fazer duas considerações sobre isso. Primeiro, nem todas as orações subordinadas podem ser substituídas por elementos menores. Segundo, "com sol", no enunciado ofertado como exemplo, pode significar uma condição, mas também uma causa, ou seja, a ida à praia é motivada pelo sol, bem como pode indicar outras circunstâncias, bastando que se crie contexto para as mesmas. Isso prova que, mesmo quando possíveis, as substituições nem sempre são equivalentes em termos de significado.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br



IESDE Brasil S.A.

SE FIZER SOL, VAMOS À PRAIA.

Estruturas relativas

As estruturas relativas também se tratam de orações subordinadas. Diz-se delas que cumprem função equivalente a dos adjuntos adnominais. Isso significa dizer que elas acompanham um substantivo atribuindo-lhe características ou explicando algo em relação a ele. Considere:

a) A pessoa que mente sempre é vista com desconfiança.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

No exemplo A, há duas orações: "[a pessoa] que mente" e "a pessoa sempre é vista com desconfiança". Repare que sem a relativa "que mente", a qual, nesse caso, serve para caracterizar, especificando, a oração "a pessoa sempre é vista com desconfiança" passa a ideia de que toda pessoa, sem exceção, é alvo de desconfiança. Contudo, pelo acréscimo da relativa "que mente", no caso do enunciado proposto, a ideia veiculada é a de que as pessoas mentirosas, e não todas as pessoas, sempre são alvo de desconfiança. Observe também que foi possível substituir "que mente" por "mentirosas"[5].

Estas estruturas são chamadas de relativas por conta do tipo de pronome que normalmente as introduz, o pronome relativo. O papel do pronome relativo, como o próprio termo pode denunciar, é relacionar uma oração subordinada a um substantivo, retomando-o, motivo pelo qual o elemento "a pessoa" foi colocado entre colchetes na separação da oração relativa da principal. Uma boa estratégia para reconhecer se o "que" é um pronome relativo é substituí-lo, com sucesso, pelos pronomes relativos "o qual, a qual, cujo, cuja".

A Libras também apresenta estruturas relativas, sendo que realiza tal construção não com o uso do pronome relativo, mas por meio de marcação não manual. As evidências para isso advêm de um estudo realizado por Liddell (1978, *apud* LEITE, 2008) em que uma história foi montada com personagens sem nomes, sendo necessário identificá-los por intermédio de estruturas relativas. A intenção de Liddell (1978) foi estudar, por meio da tradução que os surdos fizeram dessa história, como são produzidas as orações relativas na língua de sinais americana (ASL). Dessa forma, o autor descobriu que os surdos, ao sinalizarem os sinais relacionados à oração relativa, mantinham uma expressão facial e posição de cabeça particulares que se modificavam assim que uma nova oração era iniciada. Isso fica evidente por meio da figura a seguir, retirada de Leite (2008), que a reproduziu de Liddell (2003a, p. 54):

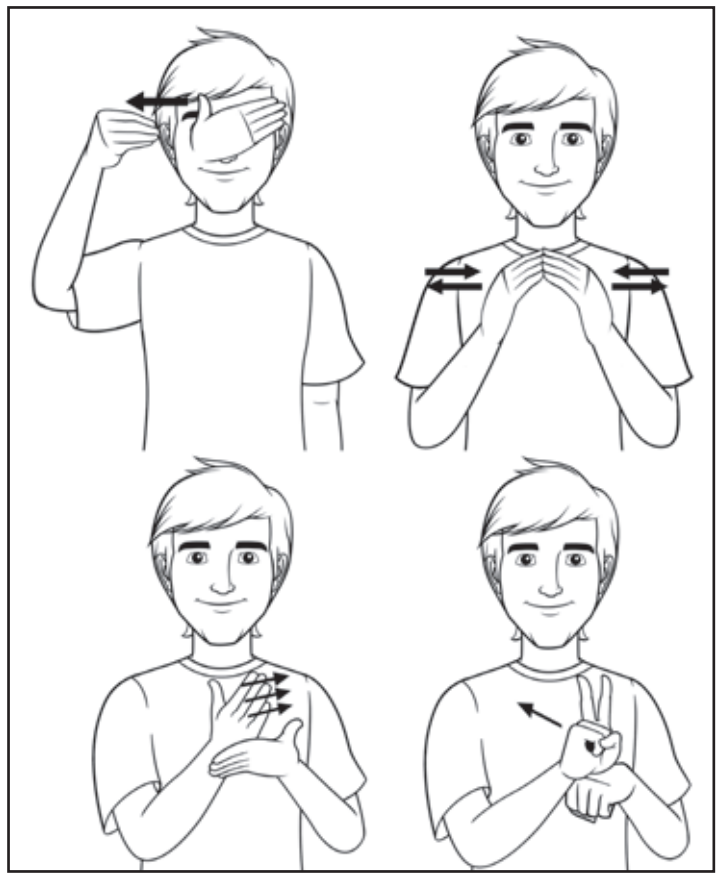
IESDE Brasil S.A.

Figura 1 – Expressão facial marcando e delimitando relativa na ASL.

[5] No nível morfológico, "mentirosas" é adjetivo; no nível sintático, ele é adjunto adnominal, visto que acompanha o substantivo (nome).

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Note que a parte sublinhada da sequência de sinais presente na figura diz respeito à estrutura relativa, que identifica quem "veio para casa", ou seja, "o cachorro que há pouco perseguiu o gato". A Libras constrói suas relativas da mesma maneira, como se pode verificar no exemplo abaixo:



IESDE Brasil S.A.

EU ESQUECI EM CASA O LIVRO QUE VOCÊ ME EMPRESTOU.

As informações que você obteve nesta aula sobre algumas estruturas sintáticas da Libras só se tornaram conhecidas devido aos esforços de pesquisa de linguistas e outros pesquisadores interessados em descrever o funcionamento da ASL, Libras e outras línguas de sinais. Por essa razão, para complementar o estudo desta aula, adiante você encontra um texto que versa sobre o início e evolução do interesse em se estudar as línguas de sinais cientificamente, bem como os fatores culturais, sociais e, mesmo teóricos, que ora alavancaram e ora atravancaram o caminho de produção de conhecimento sobre essas línguas. Boa leitura!

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Texto complementar

As línguas de sinais

(PIZZIO, 2006, p. 4-7)

A língua de sinais é a língua natural da comunidade surda. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, ela não é universal, e cada país possui sua língua de sinais específica, que apresenta características distintas da língua falada pela comunidade local. Como qualquer outra língua, possui gírias e vocabulário diferente dependendo da região onde é usada. No Brasil, tem-se a língua de sinais brasileira (LSB), utilizada pela comunidade surda e objeto de estudo nesta dissertação, e também a língua de sinais indígena da tribo Urubu Kaapor (FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS, 1995).

Durante muito tempo, as línguas foram consideradas apenas como gestos ou pantomima, incapazes de expressar conceitos abstratos. Até hoje, ainda há muito preconceito e desconhecimento sobre as mesmas, principalmente nos lugares onde a pesquisa nesta área ainda está iniciando e há poucos profissionais pesquisando e difundindo seu trabalho, não só para a comunidade acadêmica, como para a comunidade local em geral.

As línguas de sinais só foram reconhecidas como língua quando surgiu um sistema de notação que pudesse representar a estrutura de seus sinais. Segundo Hoiting & Slobin (2002). Os primeiros estudos que mencionam as línguas de sinais datam da década de 1960, com os trabalhos sobre a língua de sinais americana (ASL) realizados por Stokoe. Dessa forma, as pesquisas sobre as línguas de sinais são muito recentes se comparadas às línguas faladas, que já possuem uma longa tradição. Além disso, a maioria delas ainda não está totalmente descrita em seus níveis fonológico, morfológico e sintático e carecem de maior investigação. Com relação à LSB, as pesquisas linguísticas ainda são escassas, e há necessidade de mais trabalhos na área para que se melhore a descrição da mesma. Entre os trabalhos realizados destacam-se Ferreira-Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004).

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Quanto à estrutura, tanto as línguas de sinais quanto as línguas faladas apresentam as mesmas propriedades abstratas da linguagem, mas se opõem fortemente na sua forma na superfície. Enquanto as línguas orais são apresentadas na modalidade auditivo-oral, as línguas de sinais se apresentam na modalidade visual-espacial. Apesar dessa diferença na modalidade de percepção e produção entre línguas de sinais e línguas orais, o termo "fonologia" é também utilizado para referir-se ao estudo dos elementos básicos das línguas de sinais. Estas têm os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas faladas, tendo à disposição um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, ou seja, um sistema de regras que regem o uso desses símbolos.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a diferença fundamental entre línguas de sinais e línguas faladas diz respeito à estrutura simultânea de organização dos elementos das línguas de sinais. Enquanto as línguas orais apresentam uma ordem linear (uma sequência horizontal no tempo) entre os fonemas, nas línguas de sinais além da linearidade, os fonemas são articulados simultaneamente.

Os sinais são decompostos em três aspectos ou parâmetros que não carregam significados isoladamente. Assim, as unidades mínimas que constituem os sinais são: configuração de mão, locação da mão e movimento. Dessa forma, uma mesma configuração de mão e um mesmo movimento, mas com locação diferente resulta em mudança de significado formando um par mínimo (como, por exemplo, os sinais para "aprender" e "sábado"). Pares mínimos também são encontrados a partir das configurações de mãos e dos movimentos, evidenciando, portanto, a existência das unidades sem significado na língua que implicam em mudança de significado da palavra. Análises mais recentes das línguas de sinais adicionam mais dois parâmetros ao estudo da fonologia de sinais: a orientação da mão e as marcas não manuais (expressões faciais e corporais).

Quanto à morfologia, assim como as palavras em todas as línguas humanas, os sinais pertencem a categorias lexicais ou a classes de palavras, tais como nome, verbo, adjetivo, advérbio etc., as línguas de sinais têm um léxico

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

e um sistema de criação de novos sinais em que os morfemas (as unidades mínimas com significado) são combinados. Porém, as línguas de sinais se diferenciam das línguas faladas no tipo de processos combinatórios que cria palavras morfologicamente complexas. Nas línguas orais, as palavras complexas são formadas, frequentemente, pela junção de um prefixo ou sufixo a uma raiz. Já nas línguas de sinais, estas formas resultam, muitas vezes, de processos não concatenativos em que um radical é enriquecido com vários movimentos no espaço de sinalização, como é o caso dos verbos com concordância (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Em relação à sintaxe espacial, esta apresenta a possibilidade de estabelecer relações gramaticais no espaço, através de diferentes formas. No espaço em que são realizados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal são fundamentais para tais relações sintáticas. Qualquer referência usada no discurso requer a especificação de um local no espaço de sinalização (espaço definido na frente do corpo do sinalizador). Os pronomes são realizados por meio da apontação para um local específico no espaço (estipulado pelo sinalizador quando a pessoa estiver ausente), ou para a própria pessoa, se ela estiver presente. O sistema de verbos com concordância também é realizado espacialmente. Os sinais desses verbos se movem no espaço, carregando marcas para pessoa e número, através de indicações no espaço. Além disso, especificam o sujeito e o objeto do verbo.

Conforme Bellugi *et al.* (1989), este uso do espaço para indicar referentes, verbos com concordância e relações gramaticais é, claramente, propriedade única de um sistema visual-gestual, ou seja, específico das línguas de sinais. Esta diferença na forma de superfície entre línguas de sinais faladas possibilita novas investigações acerca da percepção e produção da linguagem.

Estes são aspectos gerais comuns à estrutura das línguas de sinais. Entretanto, cada língua de sinais pode apresentar suas próprias regras, diferenciando-se em alguns parâmetros fonológicos, morfológicos e sintáticos específicos, assim como as línguas faladas também se diferenciam nestes aspectos.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Dicas de estudo

- Capítulo "As marcações não manuais" da dissertação: **As Marcações Linguísticas Não Manuais na Aquisição da Língua de Sinais Brasileira** (LSB): um estudo de caso longitudinal, de Gisele Landra Pessini Anater. Disponível em: <www.tede.ufsc.br/teses/PLLG0436-D.pdf>.

  A leitura deste capítulo é recomendada para uma visão mais ampla dos usos dos marcadores não manuais nas línguas de sinais, como se manifestam, quais funções desempenham, entre outras particularidades desse recurso linguístico das línguas de sinais.

- Capítulo "Tópico e Foco" da dissertação: **A Variabilidade da Ordem das Palavras na Aquisição da Língua de Sinais Brasileira**: construções com tópico e foco, de Aline Lemos Pizzio. Disponível em: <www.tede.ufsc.br/teses/PLLG0357.pdf>.

  O capítulo em questão apresenta com maior detalhamento as construções de tópico e foco na Libras, além de discutir a repercussão das mesmas na ordem das sentenças em Libras com base na teoria de análise sintática gerativa.

Atividades

1. Discuta a noção de oração principal e subordinada.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

2. Explique por que razão a sentença a seguir é agramatical na Libras: HOMEM <CARRO BATER> ESTAR CADEIA CARRO .

3. É correto afirmar que certas estruturas sintáticas na Libras podem ser identificadas tanto por elementos manuais e não manuais quanto apenas por elementos não manuais? Justifique sua resposta.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Referências

LEITE, Tarcísio de Arantes. . **A Segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PIZZIO, Aline Lemos. As Línguas de Sinais. *In*: _____. **A Variabilidade da Ordem das Palavras na Aquisição da Língua de Sinais Brasileira**: construções com tópico e foco. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira; QUADROS, Ronice Müller de. **Língua Brasileira de Sinais II**. Material didático do curso de Letras Libras a Distância. Florianópolis: UFSC, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

RAMOS, Clélia Regina. **Libras**: a língua de sinais dos surdos brasileiros. 2003(?). Disponível em: <www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2010.

Gabarito

1. Resposta mínima deve contemplar que orações subordinadas são aquelas que desempenham funções sintáticas de nível menor que o de uma oração, enquanto as orações principais são as que apresentam uma de suas funções sintáticas preenchida pela oração subordinada.

2. O aluno deve reconhecer que a sentença é agramatical pois contém um elemento que foi extraído de uma estrutura em ilha, uma oração relativa, e movido para a posição de foco no final da sentença. Nesse caso, esse movimento não é permitido, conforme estabelecem as restrições propostas por Ross (1967).

3. Essa afirmação é correta. Para exemplificar o uso de marcas manuais e não manuais simultaneamente, podem ser citadas as estruturas condicionais, as interrogativas do tipo Qu e as sentenças negativas. Já para exemplificar o uso apenas de marcas não manuais para distinguir estruturas sintáticas podem ser citadas as interrogativas S/N e as estruturas relativas.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br